

SOBRE NOÇÕES DE CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: MULHERES ALFABETIZANDAS TÊM A PALAVRA

ARAUJO, Renata Rodrigues – UFPR – renatasol@yahoo.com.br

GT: Educação de Pessoas Jovens e Adultas / n.18

Agência Financiadora: Sem Financiamento

Introdução

Este artigo faz parte de uma pesquisa de mestrado que teve como objetivo buscar compreender como os sujeitos se constituem sujeitos, particularizando um grupo de mulheres que participaram da Usina do Trabalho entre os anos de 2004 e 2005, elegendo como material de análise suas falas e como eixo norteador da investigação a reconstituição da trajetória desses sujeitos na relação com o processo de aprendizagem escolar.

A escolha do eixo norteador – a reconstituição da trajetória na relação com o processo de aprendizagem escolar, deveu-se ao fato de o contato com os sujeitos, as mulheres, ocorrer eminentemente no âmbito das práticas educativas efetivadas pelos bolsistas educadores do PEJA¹.

A Usina do trabalho é a materialização do projeto social da empresa Multibrás, proprietária das marcas de eletrodomésticos Cênsul e Brastemp, inaugurada em junho de 2004, para atender a pessoas que estão às margens da sociedade produtiva, ou seja, pessoas de baixa renda, que não possuem escolarização básica e estão fora do mercado de trabalho. O objetivo da cooperativa é capacitá-las para exercer uma atividade remunerada, promovendo, desta forma, uma possibilidade para a inclusão social dessas pessoas.

Acompanhando as atividades do PEJA e observando a composição desse grupo de mulheres ao longo do ano de 2004, não pude me furtar a indagações como: que pensamentos manifestam de si mesmas, aquelas mulheres? Como essas mulheres se vêem? Que leituras podemos fazer dessa tensão que vai se estabelecendo entre o que dizem realizar como práticas cotidianas e as insistentes e convictas afirmações do “não sei”, “não

¹ O PEJA é um Projeto de Extensão, intitulado Projeto de Educação de Jovens e Adultos: Práticas e Desafios que conta com apoio financeiro da PROEX-UNESP. Os bolsistas que atuam como educadores no PEJA são alunos de diferentes cursos de graduação. No campus de Rio Claro, o PEJA é coordenado pela Profa. Dra. Maria Rosa R. M. Camargo.

sei ler”, “não sei escrever”, “não sei fazer conta”? Essa tensão vai tomando corpo para quem acompanha e observa, abrindo perspectivas para a pesquisadora.

Essas e outras perguntas foram delineando o tema deste trabalho que remete à constituição dos sujeitos, que nos dão a ver por meio de suas falas, do que nos contam, nos relatam sobre sua vida e sobre si mesmos, de seus gestos, de suas produções escritas, norteando este projeto de pesquisa e levando a outras perguntas: que noções embasam a constituição dos sujeitos, no que dizem de si mesmos? Em que bases históricas, sociais e culturais algumas noções de sujeito se aportam?

Na tentativa de compreender algumas noções de sujeito, aponto alguns elementos como a capacidade de interação com o outro por meio da linguagem, a capacidade reflexiva e discursiva de que possui o sujeito e que, ao mesmo tempo, o constitui sujeito. Na seqüência, apresento a trajetória da produção do que constituiu o *corpus* do material para análise e os sujeitos da pesquisa. Por fim, apresento um dos eixos temáticos que nortearam essa análise e as considerações finais.

Do sujeito: capacidade interacional e a linguagem

O sistema de maior importância dentre todos os signos é a linguagem humana. A língua, do ponto de vista bakhtiniano, é um fenômeno histórico e não pode, de forma alguma, ser estudada fora do contexto social sem suas vinculações sociais. Para Bakhtin (1988), a língua tem sua vida e evolução histórica na comunicação verbal concreta.

Só há compreensão da língua dentro da sua qualidade contextual, no contexto real da sua enunciação é que acontece a concretização da palavra. O sentido da palavra é determinado, pelo seu contexto. Como existem inúmeros contextos, existem também inúmeros significados de uma palavra:

A língua enquanto meio vivo e concreto onde vive a consciência do artista da palavra, nunca é única. Ela é única somente como sistema gramatical abstrato de formas normativas, abstraída das percepções ideológicas concretas que a preenche e da contínua evolução histórica da linguagem viva. A vida social e a evolução histórica criam, nos limites de uma língua nacional abstratamente única, uma pluralidade de mundos concretos, de perspectivas literárias ideológicas e sociais, fechadas... (BAKHTIN, 1993, p. 96)

A dinâmica da língua acompanha a dinâmica da vida social. A vida social determina, dentro das possibilidades da língua, a emergência de vários mundos e esses mundos são organizados na e pela linguagem.

Para Bakhtin (1992), a linguagem é condição primeira para o desenvolvimento da consciência, seja ela verbal ou não verbal e constitui uma complexa e intrincada rede de relações sociais.

Neste sentido, também para Vygotsky (2001), a linguagem possui uma função constitutiva e constituidora do homem. Para ele, ela tem a finalidade de promover a relação do homem consigo mesmo e com o outro.

Dessa forma, a consciência humana se constitui a partir do contato com o outro, das interações sociais que ocorrem por meio da linguagem.

A palavra, como elemento central da linguagem possui uma função social que se cristaliza na interação semiótica de um grupo social. Se o homem não puder lançar mão da comunicação, utilizando para isso a palavra, o grito, o gesto, ele não forma sua consciência, ao que nos remete novamente à questão: nessas condições indicadas, o que poderia subsidiar a constituição do homem como sujeito?

Do sujeito: capacidade dialógica e a palavra

A palavra para Bakhtin constitui o modo mais puro e sensível de sua relação social, é nela que se mostram as formas mais básicas e ideológicas gerais da comunicação semiótica e é, principalmente, conteúdo da própria atividade psíquica. Mas essa atividade só possui identidade se provida de sentido, pois a palavra privada de sentido se reduz a sua realidade física, ou seja, ao processo fisiológico de sua produção. “A palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (2004, p.36). Para ele, toda palavra é absorvida por sua função de signo. Ela só comporta o que tem ligação com essa função.

Toda palavra reflete uma condição de código e refrata a realidade social. Toda palavra pode coincidir consigo mesma, no seu significado sistêmico, pode negar esse significado ou ainda, expressá-lo de forma distinta. Dito de outra maneira, a mesma palavra que expressa a alegria, por exemplo, pode expressar também a profunda tristeza: “Toda alegria neste momento é amarga para mim” (BAHHTIN, 1992, p. 311).

Ainda que o homem não precisasse da língua para sua comunicação com o mundo exterior, ela é indispensável para sua atividade mental, a língua surge da necessidade do homem de expressar-se, de exteriorizar seus pensamentos.

Ao expressar-se o homem estabelece o diálogo.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, a interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra 'diálogo' num sentido amplo, isto é, não apenas como comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 2004, p. 123)

O diálogo vai além da comunicação face a face, diz respeito a diversas formas de como duas vozes se encontram.

Na comunicação verbal, o encontro dessas vozes, a palavra, apresenta duas faces: de um lado, procede de alguém, de outro, se dirige a alguém. Desse modo toda palavra serve de expressão de um em relação ao outro. Ela é lançada de um para o outro e penetra, literalmente, em todas as relações sociais, em todas as relações entre os indivíduos.

Isso fica mais claro quando o autor nos diz que a palavra é uma espécie de ponte lançada entre o locutor e seu interlocutor. Se ela se apóia, de um lado, no locutor, na outra extremidade se apóia sobre o seu interlocutor.

O produto da interação entre o *eu* e o *outro* é a palavra. É nesse sentido que o *eu* só existe na medida em que se relaciona com o *tu*, que está antecipado no discurso interior e é por sua vez, co-participante do discurso exteriorizado.

Segundo Bakhtin, o diálogo é claro e simples, e ao mesmo tempo, constitui a forma mais clássica de comunicação verbal. "É no diálogo real que esta alternância dos sujeitos falantes é observada de modo mais direto e evidente; os enunciados dos interlocutores (parceiros do diálogo), a que chamamos de réplicas, alternam-se regularmente nele". (BAKHTIN, 1992, p. 294)

É nessa alternância dos sujeitos falantes que se concretiza a clareza do diálogo e viabiliza a comunicação entre eles, promovendo assim, a vida social.

Sobre esta questão, encontramos em Bakhtin uma concordância com o pensamento de Vygotsky que acrescenta ainda, que o discurso constitui a consciência a partir do diálogo, portanto da construção conjunta das significações. Essa construção só é possível na

interlocução com o outro. É por meio da construção que ocorre através do diálogo, que o sujeito vai se compondo, se constituindo.

Construindo modos de olhar e de registro

Ao participar das atividades educativas realizadas pelo PEJA, no interior da Usina do Trabalho, com as mulheres que participaram das aulas, procurei manter um olhar atento ao que diziam, ao que expressavam por meio das falas, aos seus relatos. Desde o início, eram freqüentes as falas que remetiam à narração de sua trajetória escolar e não escolar; a escola é a referência. O que falavam, em palavras, em gestos – não pude me furtar a observar gestos – em silêncios, ao meu ver, traziam indícios que poderiam me conduzir a certas noções de constituição de sujeito, e ao que poderia inferir como constituição de sujeito ao dizerem-se sujeitos, na tentativa de compreender essas noções.

Para um acompanhamento mais sistematizado do que ocorria e decorrente do delineamento do objeto de estudo, realizei 18 encontros com esse grupo, sendo de duas horas semanais, sempre nas quintas-feiras e fui registrando em meu caderno de campo, tudo aquilo que observei no desenvolver das atividades educativas que ali aconteciam, como a relação dessas mulheres com o seu objeto de conhecimento (saberes escolares) e as interações que se davam no tecido das relações sociais que ali se apresentavam, ora pelas suas falas, ora pelos seus gestos e até mesmo pelos seus silêncios.

Após o registro no caderno de campo, e objetivando construir um material que pudesse oferecer elementos mais concretos para o estudo que me propunha, optei por começar digitando, em um arquivo específico, todo material escrito no caderno. Em seguida, fui acrescentando informações advindas de um intenso trabalho de memorização, o que deu origem aos relatos da pesquisadora.

Esses procedimentos estão em consonância com as idéias de Michel de Certeau (2002) quando afirma que o relato se constitui em uma prática que faz parte das táticas cotidianas. Ele é um ato culturalmente criador que descreve lugares, estabelece e cria espaços, diferencia mapas (como modelos) de percursos (como caminhos que se constroem), torna possível a percepção de demarcações fronteiriças e acontecimentos. Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço. É aí que tem a ver com as táticas

cotidianas, faz parte delas, desde o abecedário da indicação espacial (dobre à direita, vire à esquerda), até o noticiário de cada dia, ao jornal televisionado, aos contos lendários e às histórias contadas (lembranças e romances de países estrangeiros)

Essas aventuras narradas, que ao mesmo tempo produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem, não constituem somente um “suplemento” aos enunciados pedestres e às retóricas caminhatórias. Não se contentam em deslocá-los e transpô-los para o campo da linguagem. De fato, organizam as caminhadas. Fazem a viagem, antes e enquanto os pés a executam (CERTEAU, 2002, p.200).

O relato, pensado como atividade narrativa, é fragmentado e disseminado, atua nas fronteiras, nas relações com o estrangeiro, sempre efetuando operações de demarcação.

Enquanto operação de demarcação, o relato aparece como ponto de partida, são fragmentos tirados de histórias anteriores que fornecem informações bastante relevantes à análise do espaço em que se dá o acontecimento. Importante, aqui, remeter à diferenciação que o autor faz entre espaço e lugar sendo que o “lugar é a ordem segundo a qual se distribuem elementos na relação de coexistência; excluída a possibilidade de duas coisas ocuparem um mesmo lugar, uma configuração instantânea, implica uma indicação de estabilidade”, enquanto que o espaço:

É um cruzamento de móveis, é de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos, é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando é falada, isto é, é percebida, na ambigüidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. Em suma, o espaço é o lugar praticado. (CERTEAU, p. 201-202).

Assim pensado, o relato possibilita esse praticar. Nesse sentido, o relato autoriza o estabelecimento, cria um espaço e serve de base para as ações. “Eis aí o primeiro papel do relato. Abre um teatro de legitimidade a ações efetivas. Cria um campo que autoriza práticas sociais arriscadas e contingentes”. (p. 210-211). E mais:

Os relatos são animados por uma contradição que neles representa a relação entre a fronteira e a ponte, isto é, entre um espaço (legítimo) e sua exterioridade (estranha). ...

Deste modo, introduz-se uma contradição dinâmica entre cada delimitação e sua mobilidade. O relato não se cansa de colocar fronteiras. Multiplica-as mas em termos de interação entre personagens e movimentos. ... [...] A junção e a disjunção são aí indissociáveis. (Este seria um segundo papel.) Dos corpos em contato, qual deles possui a fronteira que os distingue? (p.212-213)

Ancorada nesses apontamentos de Certeau, entendo que o relato adquire dimensões bastante significativas para o desenvolvimento deste estudo.

Nesses relatos, constam as atividades como foram realizadas durante os encontros das aulas, o local da observação, a hora do início e do término da mesma. Optei por organizar esse material de tal forma que me possibilitasse localizar no tempo e no espaço o momento de um dado acontecimento ou de uma determinada fala.

Um dos desdobramentos pensados foi construir, também uma forma artesanal de comunicação, o que vou chamar de mosaico pessoal, que consiste no recorte e colagem das falas dos sujeitos e tudo aquilo que lhes dizem respeito, de forma que possibilitasse conhecer um pouco mais suas idiossincrasias, pelo aglutinamento dos recortes.

Para além de ser a possibilidade material para o objeto em estudo, portanto, a importância dos relatos se verifica nessas dimensões apontadas, nos relatos que fui construindo ao complementar os elementos das observações com anotações posteriores, nos relatos que foram construídos ao recortar e colar trechos de falas das mulheres e sobre as mulheres e organizados em mosaicos, o que permitiu uma aproximação do foco do olhar para cada uma das mulheres; e, em uma outra dimensão, não se pode esquecer o profundo significado que a fala, que o narrar fatos e acontecimentos de sua trajetória pessoal, escolar, de vida, ou no grupo, produz no modo de referir-se a si mesma como sujeito. Considerando que o narrador, segundo Benjamin:

[...] pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida. [...] O

narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a macha de sua vida. [...] O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo. (BENJAMIN, 1985, p. 221)

Entendemos ser essa uma dimensão fundamental para uma aproximação da noção de sujeito que elegemos como objeto de estudo. Podemos falar que é a linguagem na sua relação com o pensamento - de si mesma. No entrelaçamento dessas dimensões do relato, enquanto material empírico de análise e enquanto objeto que se constrói e se reconstrói o tempo todo, podem estar mais alguns indícios para o estudo que proponho.

Além da construção dos relatos, optei por realizar algumas entrevistas que são utilizadas, segundo BOGDAN & BIKLEN, 1994, “para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”.

Por se tratar de uma pesquisa participante², logo, pesquisador e sujeitos da pesquisa já se conhecem, Bogdan & Biklen nos dizem que a entrevista se assemelha a uma conversa entre amigos.

As entrevistas, norteadas por um pequeno roteiro, foram realizadas com a utilização de um gravador. Foi possível entrevistar, individualmente, das oito mulheres que acompanhavam as atividades do PEJA, apenas cinco. Em seguida, de posse de todas elas, fiz a transcrição, direto no computador, gerando assim, um arquivo único. A duração de cada entrevista foi em média de uma hora e todas foram realizadas no interior da Usina do Trabalho. A identificação de cada sujeito, o nome, data de nascimento, estado civil, idade e filhos, foi feita logo no início da entrevista.

Dos relatos construídos e das entrevistas vou extraindo elementos que me aproximam um pouco mais dessas mulheres.

Quem são essas mulheres?

² Conforme vai se investigando, participa-se com os sujeitos de diversas formas. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 128)

Vivem pros seus maridos, orgulho e raça [...] Sofrem pros seus maridos, poder e força [...] geram pros seus maridos os novos filhos [...], não têm gosto ou vontade, sem defeito nem qualidade...(BUARQUE, 1989,p. 44).

São mulheres que se encontram todos os dias, num mesmo lugar: a Usina do Trabalho³. São mulheres que se encontram à margem do setor econômico produtivo da sociedade, mas nele se inserem, alvo da “inclusão” que são.

São mulheres, adultas, ditas analfabetas, mas que demonstram certa sabedoria no que diz respeito aos conhecimentos cotidianos e até mesmo alguns saberes escolares. Sabedoria acumulada ao longo de uma trajetória marcada por mudanças, dificuldades e tentativas de superação.

São mulheres que entremeiam suas falas com sonhos, desejos e sentimentos: sonho de uma vida melhor, desejo de que a vida continue a lhes dar condições para a materialização de seus sonhos e sentimentos que balançam entre a esperança e a incerteza de estar trilhando o caminho mais seguro para a realização de seus sonhos.

São mulheres que integram de diferentes modos, em circunstâncias diversas, as múltiplas relações pessoais, por exemplo. A epígrafe acima traz um fragmento de uma música de Chico Buarque de Holanda que, com muito vigor, exprime com um pouco do que pude observar.

Longe da idealização, esse fragmento provoca em mim, uma sensibilização do olhar voltado para essas mulheres, que aponta indícios das relações estabelecidas entre a obrigatoriedade de sua saída de casa, pelas circunstâncias e condições sociais, econômicas, globais e seu papel, real ou idealizado, cultural, de esposa; relações estas permeadas por intervenientes de diferentes ordens. Indícios estes, que aparecem por meio da linguagem.

Suas palavras remetem-me a trajetórias de vida marcadas por condições materiais difíceis e um grande desejo de superação de tais condições. Revelam sonhos e desejos nem sempre alcançados, mas que, ao serem relatados fornecem-me alguns indícios que abrem possibilidade para pensar algumas noções da constituição de sujeito.

³ A Usina do Trabalho, situa-se em Rio Claro – SP é acolhida pelo Consulado da Mulher, este, norteado pela proposta da economia solidária, caracteriza-se como um projeto social da Multibrás, empresa proprietária das marcas de eletrodomésticos Brastemp e Cònsul.

As falas que trago a seguir são fragmentos que remetem-me a noções de constituição do sujeito a partir da relação que estabelecem com o saber escolarizado.

Que saber é esse?

Ao participar desse grupo social, outras atividades vão sendo desenvolvidas concomitantemente e, com isso, outros elementos para as noções de constituição de sujeito vão se revelando aos meus olhos. Ao acompanhar, como pesquisadora-participante, as atividades que o PEJA levava àquela turma, pude perceber ao longo do ano como se dava a relação dessas mulheres com o saber escolarizado.

O que eu lembro é que tinha palmatória. Eu lembro que cheguei a ficar de castigo. A professora me colocou de joelho em cima do milho, né? Eu acho que eu fiquei de castigo umas duas vezes no mês. [...] Eu acho que é por isso que eu não fui mais pra escola, porque nos primeiros dias que eu fui eu sofri muito nas mãos daquela professora. Ela era terrível e é por isso que eu não voltei mais.[...] Eu vi aquela régua grande, redonda e não fui mais, fiquei com medo.[...] Eu acho que é muito bom estudar de novo. Acontece muitas coisas boas porque cada dia eu aprendo uma coisa nova. Hoje é muito diferente daquela época, eu adoro ir pra escola. Eu já fiz muitas amizades na escola. As minhas professoras são maravilhosas, graças a Deus.[...]Eu não tive estudo, também não tive infância porque a gente só tem infância quando a gente tem escola, tem estudo. É na escola que a gente faz amizade, você conhece muita gente e se você não vai pra escola, você não conhece ninguém. Se você só fica em casa, não vai pra escola, não faz amizades. Fica sozinho. (FRANCISCA, ENTREVISTA, 17/11/04)

Eu parei de estudar porque não tinha mais condições de continuar, não tinha a 5ª série e meu pai não ia deixar a gente sair pra estudar longe de casa. [...]Tudo que eu sei, eu posso dizer que eu aprendi lá, naquela escola. [...] E gosto até hoje de matemática, mas é uma coisa que se você não pratica, você acaba esquecendo, né? Mas eu acho que já estou melhorando, por ser tesoureira da cooperativa, mexo muito com conta, porque eu estou sempre precisando calcular alguma coisa. Estou lembrando muita coisa que estava esquecendo, esse ponto que eu acho tão importante, que é a matemática, eu estava ficando esquecida já. Pra mim está sendo muito bom. É como se fosse uma escola mesmo. Eu estou aqui na cooperativa como se estivesse estudando, porque a gente não está recebendo, né? Então é como se estivesse numa escola, eu aprendo muitas coisas. E também assim, aprender a parte financeira, isso pra mim está sendo muito bom, cada dia eu estou aprendendo uma coisa a mais. Então é como se eu estivesse na escola, porque eu estou aprendendo muito aqui, muitas coisas que eu não sabia. É uma coisa que eu vou poder levar comigo (ERAUTINA, ENTREVISTA, 25/11/04)

Eu gosto de copiar. Quando eu vejo uma música eu copio no meu caderno e depois eu tenho decorar. Mas, se eu não copiar, eu posso ouvir várias vezes que eu não consigo escrever. Se eu copio eu aprendo mais fácil. (SUZI, RELATO, 09/09/04)

Gosto de Matemática, porque eu gosto de fazer conta. Gosto das histórias que você conta, porque eu sempre gostei de ler livros. Na minha casa tem um monte de livros, mas agora eu não tenho tempo mais pra ler. Mas eu sempre gostei de ler livro, por isso que eu tenho vários livros em casa. Quando eu consigo um tempinho, eu leio, mas é difícil porque sempre tem coisas pra fazer. Nem sempre sobra tempo pra gente ler. Daí quase não adiante ter muito livros em casa e não ter tempo pra ler nada, né? O que adianta, ter muito livros e não ter tempo pra ler. Gostar eu gosto muito, mas falta tempo mesmo. Se eu tivesse mais tempo, eu leria todos os livros que eu tenho e muito mais. [...] Tem algumas coisas que eu gostaria de aprender mais. Eu gostaria de aprender as coisas que eu não aprendi quando era mais nova. Eu queria aprender mais do ginásio né. Aquelas coisas que a gente aprende no ginásio. Eu queria aprender isso porque eu não pude fazer o ginásio, meu pai não deixou. (ISABEL, ENTREVISTA, 18/11/04)

Eu gosto de ler, mas eu não leio jornal porque eu não entendo nada do que eu leio. (NEUSA, RELATO, 09/09/04)

Eu aprendi um pouquinho neste três meses porque eu interessava muito em aprender e depois eu vinha pra casa e estudava bastante. Aí depois eu comecei a trabalhar na lavoura, sempre tinha que ficar fazendo conta, fazendo conta porque era o meu negócio. Então não podia errar nas contas, nem pro lado da pessoa nem pro seu lado, tinha que fazer as contas bem certinho, né? Eu aprendi bastante assim, mas as contas eu esqueci né, porque eu casei e abandonei as contas. Mas escrever dá pra escrever um pouco mais. (MARIA ROMÃO, ENTREVISTA, 19/11/04)

É uma relação que revela algumas contradições entre o que elas dizem saber e o que elas sabem, ou, conseguem fazer. São contradições que pude perceber no desenvolver das atividades e que aparecem também nos seus discursos. No início do ano elas diziam não saber nada, no entanto, no decorrer do período, fui percebendo que conseguiam resolver, por exemplo, os problemas matemáticos propostos pelos colaboradores do PEJA e a pesquisadora, além disso, escreviam e liam o tempo todo. Apresentaram sim, algumas, várias, significativas dificuldades, mas, dizer que não sabem nada é ignorar a riqueza das trocas que aconteceram ao longo do projeto. Além delas acompanharem, a seu modo, a maior parte dos conteúdos abordados em sala de aula, traziam sugestões para as aulas subsequentes, o que demonstrou certos conhecimentos por parte das educandas.

Francisca lembra que tinha tanto medo da professora e atribui a isso, o fato dela não ir mais para a escola. Percebo o medo, objetivado pela palavra, como um fator determinante na sua exígua vida escolar. Não obstante, parece-me que esse medo foi superado dando lugar a um sentimento de prazer. Se do início da sua vida escolar, Francisca traz memórias negativas, da sua volta à escola ela só manifesta impressões positivas. Para ela, suas professoras são maravilhosas e a escola, não é apenas um lugar destinado ao saber elaborado e sim, um lugar onde ela faz amizades, um lugar privilegiado de interação social

e acrescenta. Para ela, a escola além de ser o *locus* do saber elaborado representa também um importante espaço de interação social onde o *eu* encontra-se com o *tu* numa relação constitutiva do sujeito. Esse encontro só possível porque é mediado pela linguagem, seja ela verbal ou não verbal.

O produto dessa interação é a palavra que constitui-se, segundo Bakhtin (1992), no modo mais sensível da relação social e é nela que as formas mais básicas e ideológicas da comunicação semiótica se manifestam.

A Dona Isabel, embora dizendo que não tinha tempo para ler os livros que tinha em casa, sempre copiava em seu caderno alguns textos (fábulas, poesias, poemas e músicas) e trazia para socializar com a turma. Esses textos eram extraídos, predominantemente, dos livros que tinha em casa.

Uma outra contradição aparece na fala de Erautina quando diz que tudo que sabe aprendeu naquela escola onde estudou até a 4ª série e depois fala que a cooperativa é como uma escola, onde aprende muitas coisas. Como tesoureira da cooperativa ela desenvolve suas atividades lançando mão de conhecimentos que vão além daqueles adquiridos na escola. De onde vêm esses conhecimentos?

Embora a relação com o saber escolarizado não se manifeste apenas na sala de aula, vou chamar os saberes adquiridos no dia-a-dia de conhecimento cotidiano. São conhecimentos banhados na experiência, no vivido, utilizados para resolver problemas da pragmática cotidiana.

Considerações finais

Foi intuito dessa pesquisa buscar compreender como os sujeitos se constituem sujeitos, particularizando um grupo de mulheres que participaram da Usina do Trabalho

entre os anos de 2004 e 2005, elegendo como material de análise o registro de suas falas e como eixo norteador da investigação a reconstituição da trajetória desses sujeitos na relação com o processo de aprendizagem escolar.

Os relatos, construídos pela pesquisadora e as entrevistas realizadas com essas mulheres conferem materialidade ao que elas deram-me a ver durante o ano de 2004.

Decorrente do objeto de estudo proposto, do que o material coletado me ofereceu e das leituras teóricas que fui realizando, foi possível proceder a uma organização em eixos temáticos como os sujeitos se percebem no espaço social; das relações que os sujeitos estabelecem com o saber escolarizado; da relevância dos saberes para a resolução de problemas cotidianos; de como se vêem, se envolvem e atuam nos projetos e afazeres da cooperativa; e de como se dizem sujeito-indivíduo [objeto] e sujeito. No entanto, o artigo limitou-se a apresentar a relação que os sujeitos estabelecem com o saber escolarizado.

No âmbito da linguagem, destaquei a palavra como unidade central da constituição do sujeito, uma vez que esses sujeitos ao se encontrarem na Usina do Trabalho, falam e constituem-se sujeitos no ato da fala. As falas dessas mulheres, como elemento constitutivo do sujeito, ganha uma dimensão tão concreta como concreta é a sua realidade.

Na medida em que essas mulheres me mostraram por meio das palavras, fragmentos de suas trajetórias de vida, ao utilizar, talvez, o mais importante elemento constitutivo do homem, a linguagem, organizaram seu pensamento, alimentaram sua consciência e, concomitantemente, nos deram a ver, os elementos constitutivo das noções de sujeito que busquei compreender.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikahil. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

, **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins fontes, 1992.

, **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e os métodos. Traduzido por João Maria Alvarez, Sara Bahia dos Santos; Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto, 1994.

BUARQUE, Chico; BOAL, Augusto. In: **Chico Buarque letra e música**. São Paulo: Comanhia das letras, 1989. disponível em: <<http://www.mundocultural.com.br>>, acesso em: 03 de maio de 2005

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artemed, 2000.

VIGOTSKI, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____, **Imaginación y el arte e la infancia**. México: Hispanicas, 1987.